

“Os Miseráveis”: a obra-prima de Victor Hugo

“Les Misérables”: Victor Hugo’s masterpiece.

Felipe Pires Cuesta*

Qual o seu super-herói favorito? Homem Aranha, Super Homem, Batman, Hulk ou Homem de Ferro? O meu é Jean Valjean, protagonista da maior obra de todos os tempos. Aliás, se me impusessem um exílio forçado e me permitissem levar apenas um único livro como companhia para o degredo, eu levaria “Os Miseráveis”, de Victor Hugo. A escolha é fácil. Meu livro preferido da vida inteira. É um calhamaço gigantesco onde o escritor não desperdiça nenhuma parte do texto. Todas as quase duas mil páginas são importantes no contexto da obra e no arco dos personagens. Os Miseráveis é um livro de amor, de injustiça, de sofrimento e de redenção! Um livro que inspira o leitor. Faz a literatura valer a pena e reafirma seu *status* de arte.

Victor-Marie Hugo nasceu em 1802, na cidade de Besançon, no leste da França. Foi escritor, dramaturgo, romancista, poeta, ensaísta, artista, além de possuir uma grande atuação política no país. Seu pai foi um general das tropas de Napoleão Bonaparte, um republicano. Definia-se como deísta, pois acreditava na doutrina de uma religião racional de um “Deus ausente”, ou seja, que criou o mundo e o deixou. Sua mãe, por outro lado, era católica e defensora da monarquia. Desde cedo, Victor Hugo conviveu com as tensões políticas e filosóficas de uma França pós-revolucionária. Formou-se na faculdade de Direito por vontade do pai e depois foi atrás de suas aspirações literárias.

Tornou-se escritor de múltiplos gêneros e foi reconhecido em sua época como expoente dos movimentos literários do Romantismo e do Realismo. Sua atuação política direta começou ao se tornar membro do Senado francês em 1845, com uma postura monarquista. Após a Revolução de 1848, tornou-se mais liberal e republicano. Ao criticar o regime de Napoleão III, Victor Hugo foi exilado por mais de 18 anos. Publicou poemas, ensaios críticos e peças teatrais.

Foi com a publicação do romance Notre-Dame de Paris (1831) que Victor Hugo começou a se evidenciar como um grande escritor francês. Seu ideal de liberdade e a denúncia da miséria e dos problemas do século XIX permeiam toda a sua obra, bem como as grandes questões humanas. O sucesso dos escritos lhe rendeu lugar na Academia Francesa. “Os Miseráveis” foi lançado em 1862 e rendeu adaptações para peças de teatro, para televisão e para o cinema. Victor Hugo morreu em 1885,

* Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPRJ), membro do Quadro Permanente. Ele atua como titular na 3ª Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva de Defesa do Meio Ambiente e do Patrimônio Cultural da Capital (MPRJ).

em Paris, aos 83 anos. Foi enterrado no Panthéon, onde estão os túmulos de grandes personalidades francesas, como Jean-Jacques Rousseau, Alexandre Dumas, Voltaire e René Descartes.

“Os Miseráveis” é o clássico dos clássicos, ou seja, dentre as obras literárias que se tornaram referência cultural, transcendendo a época em que foram escritas, figura como a maior de todas. Uma história que serviu de inspiração para tantas outras obras literárias, refletindo com perfeição os valores de seu tempo e ultrapassando a época em que foi escrita para se tornar paradigma das letras universais. Tudo, repita-se, pela história envolvente, personagens marcantes e discussões de temas importantes e abrangentes, sempre atuais em sua universalidade.

O romance monumental conta uma história passada na França do século XIX, em ambiente pós-revolução francesa, no hiato temporal entre duas batalhas: a de Waterloo, em 1815, que selou a sorte de Napoleão e os motins de junho de 1832. Suas partes em folhetim compõem um tijolo de fôlego e retratam a trajetória de vida do protagonista Jean Valjean, um homem preso e condenado por ter furtado um naco de pão.

Acompanhamos sua trajetória de redenção e de reerguimento até o momento de sua morte. Em torno dele giram personagens essenciais da trama, que vão testemunhar a miséria daquele século, a pobreza e as injustiças sociais permanentes. Fantine, Cosette, Marius, Thénardier e Javert, dentre outros, além do protagonista, são personagens inesquecíveis.

A estrutura do texto está decupada em cinco partes: Fantine, Cosette, Marius, O Idílio da Rue Plumet e a Epopeia da Rue Saint-Denis e Jean Valjean. Cada uma delas se concentra em eventos que cercam um personagem específico, muito embora todos estejam relacionados entre si ao curso da trama. À medida que dialoga com o leitor, Victor Hugo vai contando como a sociedade lidou com as consequências e instabilidades políticas do pós-revolução. É possível identificar diversas referências reais de batalhas e acontecimentos relacionados à Revolução, como o relato detalhado da Batalha de Waterloo, por exemplo, e as perturbações e desordens de 1832.

Jean Valjean, herói popular e autêntico protagonista, se faz presente na maior parte do texto. Ele é o eixo gravitacional de todos os outros personagens. Condenado a 19 anos de trabalhos forçados por ter roubado um pão e depois por diversas tentativas de fuga da prisão, viveu na miséria ao longo de grande parte da vida antes de sua transformação, enriquecimento e evolução como ser humano.

No decorrer da história, somos surpreendidos com situações inesperadas e bem construídas, capazes de nos despertar emoções reais. Um livro que mexe no inconsciente dos leitores e lhes remete a indeclináveis reflexões sobre a vida, sobre a justiça e sobre a moral dos homens. A obra traz passagens e relatos de extrema pobreza e tristeza, e outros de superação, alegria e redenção, o que evidencia a forte crítica social marcante nas obras de Victor Hugo.

Ao deixar a prisão, Valjean é rejeitado por onde passa, pois todos o temem devido ao seu passado violento. Ele é expulso de hospedarias e impedido de permanecer em casas particulares quando toca a campainha. Por fim, é abrigado por um bispo, um homem generoso que o acolhe. Valjean, porém, decepciona aquele que o acolheu após roubar castiçais e talheres do interior da residência episcopal. Quando é capturado pela polícia, no entanto, recebe o perdão do bispo, que mente para as autoridades ao afirmar que havia dado os objetos de presente para o antigo prisioneiro. A partir desse momento, Valjean sofre uma imediata transformação interna e resolve mudar de vida, passando a ser um homem honesto e de bem.

O antigo delinquente cambia sua identidade e torna-se dono de uma fábrica na Alemanha, onde ninguém conhece o seu passado obscuro. Apesar de ter conseguido construir um novo destino, Valjean vive assombrado pela possibilidade de ser reconhecido. O inspetor Javert, um sujeito afeiçoado pela justiça, anda à sua procura durante diversos anos. Na fábrica, Valjean conhece a pobre Fantine, uma moça que engravidou de um estudante e foi abandonada. A jovem resolve dar à luz a Cosette, mas precisa deixá-la sob os cuidados dos Thenadièrs. Com o salário que recebia, enviava mensalmente uma mesada para a menina, sem saber que os responsáveis por cuidar dela a agrediam e desviavam o dinheiro.

Quando o supervisor da fábrica descobre o passado de Fantine, demite a moça. Diante de tal cenário, a jovem vê-se obrigada a vender os próprios cabelos, os dentes, e chega a se prostituir. Valjean, quando fica a par da história, decide adotar a menina Cosette e criá-la como filha. Na sequência da trama, ela conhecerá o jovem Marius e os dois acabarão se casando não sem muitos percalços ao longo da história, que também encaminha um final emocionante e redentor do protagonista.

Afinal, o título "Os Miseráveis" não é à toa: vários personagens passam por situações de extrema pobreza, fome e miséria, o que destaca a desigualdade social da França do século XIX. "O mundo civilizado gasta em pólvora, em toda a terra, a cada vinte e quatro horas, cento e cinquenta mil tiros de canhão, completamente inúteis. A seis francos cada tiro, temos a soma de novecentos mil francos por dia, trezentos milhões por ano, que se transformam em fumaça. Simples curiosidade. Enquanto isso, os pobres morrem de fome".

A leitura é uma aula de história e, possivelmente, a mais deslumbrante experiência com a literatura clássica que um leitor pode ter. Apenas Victor Hugo seria capaz de entreter o público por duas mil páginas sem se deixar levar pelo enfado e ainda deixar a sensação de "quero mais". "Os Miseráveis" é um livro enorme, que assusta pelo tamanho. Mas que traz todas as recompensas para quem se arrisca. Uma poderosa denúncia, social e humana, sobre a injustiça de um sistema que só atende aos interesses dos poderosos. (Semelhança e atualidade do texto). Um livro inquietante, religioso e político, de narrativa envolvente e prosa fluida e límpida, sem adereços inúteis. E ainda um enredo atrativo e personagens complexos, razões pelas quais suas páginas perduram por séculos e ele permanece como uma das grandes obras de todos os tempos. Cada releitura remete o leitor a distintas emoções.

Poucas pessoas devem lê-lo hoje em dia. Talvez até quisessem, mas a verdade é que não há tempo para isso. O mundo atual infelizmente pede correria e pressa. O mundo quer resumos dos textões e economia de tempo. Para ler esse livro a pessoa tem que estar disposta e determinada. Tem que ter fôlego. Mas devia ser uma leitura obrigatória na formação do acervo de um leitor.

Sobre a obra monumental, e a função efetiva da literatura, assim declarou Vargas Llosa em seu ensaio clássico “A Tentação do Impossível”:

“O fato é que, embora em menor escala, todas as ficções fazem o leitor viver o impossível, tirando-o do seu eu particular, ultrapassando os limites da sua condição e fazendo-o compartilhar, identificado com os personagens da ilusão, uma vida mais rica, mais intensa, mais abjeta ou simplesmente diferente daquela em que estão confinados, nesta prisão de segurança máxima que é a vida real. As ficções existem por isso e para isso. Porque só temos uma vida e os nossos desejos e fantasias nos exigem ter mil. Porque o abismo entre o que somos e o que gostaríamos de ser precisa ser preenchido de alguma maneira. Para isso nasceram as ficções, para que possamos incorporar o possível ao impossível e nossa existência seja ao mesmo tempo realidade e irreabilidade, história e fábula, vida concreta e aventura maravilhosa.”

Personagens fantásticos, repletos de camadas e de complexidades. Uma narrativa que escancara o talento sobrenatural do ensaísta francês para encadear fatos e contar uma boa história sem se perder no meio de tanta informação, usando um narrador que se coloca como testemunha ocular dos eventos, tecendo considerações particulares e sutis diante do desdobramento da obra e que dão uma aula aos leitores sobre o valor da literatura e da leitura na perspectiva histórica e da existência humana.

Se isso couber na sua agenda, dedique algum tempo para conhecer o livro de ficção mais importante de todos os tempos.